



Vol. 3 nº 6 jul./dez. 2008

p. 203-214

EU SOU O PROFESSOR. E VOCÊ, QUEM É? SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CONHECER ANTES DE ENSINAR

Kellen M. Escaraboto
(et alii)*

Resumo: Os primeiros dias da criança na escola são fundamentais e cruciais no processo educativo, uma vez que a maioria dos alunos, ao trocarem de turmas, escolas e professores, vivenciam, além da ansiedade, um novo processo de ser e conhecer. Este processo é um tanto difícil para a criança e a escola deve estar instrumentalizada para que possa auxiliá-la neste novo momento, uma vez que, de acordo com a proposta realizada, conhecer o aluno favorece também a prática do professor, pois poderá planejar e preparar as aulas de acordo com as necessidades específicas de seus alunos, fazendo da prática pedagógica um instrumento para a construção do ser, do aprender, do fazer e do conviver.

Palavras-chave: Prática pedagógica; Aprendizagem; Interação e adaptação na escola.

I AM THE TEACHER. AND YOU, WHO YOU ARE? ABOUT THE IMPORTANCE OF KNOWING BEFORE TEACHING

Abstract: The child's first days in the school are fundamental and crucial in the educational process, once most of the students, when change of groups, schools and teachers, they try, besides the anxiety, a new process of to be and to know. This process is a so much difficult for the child and the school should be manipulated so that it can aid her on this new moment, once, in agreement with the accomplished proposal, to know the student also favors the teacher's practice, because it can drift and prepare the classes in agreement with the its students' specific needs, doing an instrument of the pedagogic practice for the construction of being, of learning, of doing and of living together.

Keywords: Pedagogic practice; Learning; Interaction and adaptation in the school.

I. Introdução

Escolher a profissão de professor implica um grande desafio, principalmente porque atualmente temos que estar conectados em tudo o que acontece no Brasil e no mundo para que possamos estar sempre atualizados, olhando para o futuro. Muitas vezes sabemos que temos condições de realizar muito mais do que é exigido pela programação escolar, mas nem sempre conseguimos alcançar tais realizações. Vamos

aos poucos desistindo, desacreditando e buscamos inúmeras desculpas e justificativas para, na verdade, justificar o nosso descaso e o não fazer. Por fim, acabamos nos “conformando a práticas ultrapassadas que, em nossa concepção, sempre deram certo. Pior: passamos a acreditar nelas” (BONADIO, 2006).

Há que se reconhecer, segundo esta mesma autora, que as mudanças ocorridas recentemente no mundo certamente se refletem no comportamento, nos valores e nas instituições, sejam elas familiares ou educacionais. O que fazer então para garantir qualidade de ensino em tempos tão desfavoráveis? Poderíamos levantar, aqui, vários pontos de destaque sobre como resgatar prioridades e sobre como modificar as grades curriculares das instituições formadoras de professores, porém pensamos que o caminho talvez seja outro, um pouco mais simples e menos dispendioso.

O que propomos, afinal, é um olhar diferenciado para nossos alunos. Um olhar para o mundo em que vivem, para seus brinquedos, para suas palavras e para seus comportamentos. Um olhar cauteloso para seus valores, para suas aspirações e para suas necessidades. Talvez seja este o grande desafio da educação na atualidade, o de reconhecer este mundo tão diferente, de preservar valores e comportamentos indissociáveis na prática educativa de todas as épocas, como a ética e a moral, e tentar atender às necessidades de cada uma das crianças inseridas neste mundo da atualidade, promovendo práticas educativas mais adequadas a tais necessidades e fazendo da escola um espaço de construção e de valorização não só do coletivo, mas das significações, dos sonhos e das motivações individuais. É, como aponta Bonadio (2006), “diluir resistências e viver a novidade, provar o novo e transformá-lo em experiência da aprendizagem”.

Poderíamos, então, nos questionar como tudo isso seria possível? Não existe fórmula e nem receita, pois, assim como cada criança é única, assim cada escola também o será. Suas práticas, seus projetos político-pedagógicos, sua clientela. Em cada lugar do Brasil e do mundo, uma visão diferente seria construída e, por isso, o que se aplica a uma realidade poderia ser ineficiente à outra. As trocas de experiências vivenciadas em diferentes contextos podem, porém, nos levar a reflexões sobre novas buscas e sobre diferentes construções. Podem nos inspirar a criar, a discutir e a levantar possibilidades diferentes das que estamos experimentando e que, muitas vezes, não dão certo. Por fim, podem nos fazer acreditar que a mudança é possível quando almejamos o diferente e o melhor, e quando unimos forças para buscar atingir tais objetivos.

Foi a reflexão de tais aspectos, acima apontados, que motivou os educadores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I do Colégio Interativa, de Londrina (PR), a desenvolverem o projeto “Eu sou o professor, e você, quem é? Sobre a importância de conhecer antes de ensinar”, o qual será objeto de discussão do presente artigo.

2. Infância: período da história de cada um

É natural que os professores conheçam os seus alunos aos poucos, principalmente no início do ano letivo, início no qual diversas variáveis interferem neste processo: crianças advindas de outras escolas e de outras cidades, expectativas altas

sobre a adaptação da criança na série, além de tantas outras concepções que permeiam as relações escolares. Iniciado o ano letivo, no decurso de semanas e de meses, o professor vai percebendo que alguns de seus alunos progridem, mas que outros apresentam dificuldades e ficam para trás. Daí vem o questionamento: – O que pode estar acontecendo? – Será que ele tem alguma dificuldade? – Será que está acontecendo alguma mudança significativa em sua vida? São tantas perguntas e, na maioria das vezes, todas elas ficam sem respostas, resultando que o professor acaba fazendo alguma inferência ou rotulando o aluno para poder encaixá-lo em algum diagnóstico, como o de ser hiperativo, por exemplo, e assim reduzir a sua ansiedade, uma vez que o rótulo diminui também a sua responsabilidade.

Diante de tais aspectos, acreditamos que conhecer o aluno nas primeiras semanas do ano letivo é fundamental não só para a adaptação da criança no contexto escolar, como também para que o professor saiba com quem está trabalhando e, mais ainda, como irá trabalhar, delineando práticas e intervenções consistentes que venham a favor das necessidades individuais de cada um. Outro ponto que merece destaque é o de que conhecer o aluno aproxima e transforma relações práticas e cotidianas em relações afetivas.

Exercitar tal proposta, em toda a sua dimensão, exige que o professor tenha muito bem construído o conceito de quem é o seu aluno e, para isso, necessita entender muito bem o conceito de infância. Kramer (2000; 2003) enfatiza que a infância “[...] é o período da história de cada um. Reforça que o ser humano é um ser histórico e, conseqüentemente, a infância proporciona a construção da história de cada um, a qual se faz individual e coletivamente”.

Quem já não ouviu um adulto dizer: *aproveite a sua infância, pois ela não volta nunca mais!* Sonhos, fantasias, brincadeiras, descompromisso com o tempo e com a responsabilidade imposta pelo mundo dos adultos – este é o grande proveito da infância. A ideia atual da infância, como significativa, prazerosa e permeada de ludicidade, é uma construção da sociedade moderna, pautada na nossa experiência e realidade. De acordo com Áries (1978), a ideia de infância moderna foi universalizada com base em um padrão de crianças das classes médias, a partir de critérios de idade e de dependência do adulto, característicos de sua inserção no interior dessas classes. Kramer (2002) enfatiza, no entanto, a necessidade de considerar a diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos para que tenhamos uma visão mais aprofundada sobre quem é esta criança e, conseqüentemente, sobre quem é o nosso aluno.

Percebemos, portanto, que as crianças produzem cultura e são produzidas na cultura em que se inserem (em seu espaço) e que lhes é contemporânea (de seu tempo). As perguntas que cabe fazer são: – Será que nós, educadores, estamos sensíveis a esta produção cultural? – Valorizamos as práticas de nossos alunos? – Valorizamos suas experiências e suas histórias? – Valorizamos seus gostos, suas expectativas e suas brincadeiras? – Qual é o espaço dado pela escola para todas estas questões?

Sabe-se que práticas educativas significativas somente serão estruturadas a partir da realidade dos alunos e do que lhes é significativo. Desta forma, cabe interrogar se os professores sabem o que dá sentido ao mundo de cada um de seus alunos, se sabem

como eles produzem e constroem sua história. Uma vez que tal construção se processa na ação infantil (fase da vida em que ela atribui significados diversos às coisas, aos fatos e aos artefatos através de suas vivências e de suas experiências), é importante que o professor perceba que a história individual de cada aluno só poderá ser contada pelo aluno mesmo. É o aluno quem irá dizer do que gosta ou do que não gosta, o que lhe dá prazer, como costuma relacionar-se com os seus amigos e familiares. Sendo assim, partimos do princípio de que todas estas relações permeiam o processo educativo e, assim, valorizamos os procedimentos para que o professor conheça tais aspectos a fim de poder vir ao encontro das necessidades de seus educandos e para que possa considerar quais valores e princípios éticos quer transmitir na ação educativa, ou seja, valorizamos tais procedimentos como muito importantes.

Outro ponto que merece destaque é que as crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos e que, constantemente, agem no meio social em que estão inseridas. Quando vemos as crianças deste modo, então fica mais fácil entendê-las e isso também reforça a necessidade de que nós, adultos, possamos ver o mundo a partir do seu ponto de vista, uma vez que pertencem a uma classe social e não formam uma comunidade isolada, pelo contrário, elas são parte do grupo e suas brincadeiras, costumes, valores e hábitos expressam esse pertencimento e interferem em suas ações e nos significados que atribuem às pessoas, às coisas e às relações. Isso nos sensibiliza, mais uma vez, sobre a necessidade de lhes garantir o direito às condições dignas de vida, à brincadeira, ao conhecimento, ao afeto e às interações saudáveis.

Restabelecer com as crianças estes laços de caráter afetivo, ético, social e político exige que nós, educadores, possamos rever o papel que temos exercido nas instituições educativas e isto somente será viabilizado através da reflexão sobre as histórias, as narrativas que as crianças fazem acerca de suas vivências e experiências, o que não é muito comum na atualidade. Quer-se dizer, com isso, que não estamos mais acostumados a ouvir, e o diálogo tem se perdido cada vez mais nas relações cotidianas. Na correria do dia a dia e diante da necessidade constante de sobrevivência, vamos nos acostumando a dar conta das nossas individualidades, das nossas imediatidades, em detrimento das interações sociais. Acreditamos que as narrativas são perda de tempo e muitos se perguntam o que estão ganhando com isso. Falar do que se vive, com quem se convive, ao que se assiste e o que se enfrenta é resgatar a história pessoal de cada um, é valorizar velhos e atuais sentimentos, como o de pertencer e ser importante a alguém; é fazer pensar sobre qual papel estamos dispostos a exercer neste mundo. Essa é, portanto, a grande pergunta para você, educador, que agora lê este artigo: “Qual papel quer exercer na vida de seus alunos? Deseja ser simplesmente um transmissor de conhecimentos e de práticas sistematicamente elaboradas ou deseja fazer a diferença, envolver conhecimento e afeto, saberes e valores, cuidados e atenção na vida dessas crianças?”

Se a sua resposta envolver o segundo item relacionado no questionamento, você terá que considerar que, muito mais do que ensinar, o seu papel será desenvolvido em torno do cuidado, da atenção e do acolhimento, da alegria e da brincadeira, do que

seus alunos gostam e do que é importante para cada um deles, garantindo que cada um deles seja atendido em suas necessidades, entendendo sempre que estamos trabalhando com crianças e não, simplesmente, com estudantes.

Desta forma, é preciso entendê-los e, mais do que isso, é preciso conhecê-los em todas as suas dimensões, sejam elas biológicas, afetivas, cognitivas e sociais. Refletir sobre a criança, seu lugar e seu papel na sociedade, hoje é condição fundamental para que se possa planejar o trabalho na escola e, assim, implementar o currículo, favorecendo, mais do que uma escola, uma vida digna.

Diante desta proposta é que o Colégio Interativa, de Londrina (PR), desenvolveu o projeto “Eu sou o professor, e você, quem é? Sobre a importância de conhecer antes de ensinar”, projeto que tem como objetivo principal responder à grande pergunta: “*Afinal, quem são nossas crianças?*” Esta grande interrogação nos ocorre em decorrência de que sabemos que as percepções e as crenças acerca dos alunos podem interferir no processo de aprendizagem, facilitando-o ou dificultando-o. Sabemos ainda mais, que tais percepções sobre os costumes, sobre os valores, sobre os hábitos, sobre as práticas sociais e sobre as experiências também interferem nas ações docentes e podem auxiliá-los no que se refere aos encaminhamentos de nossas práticas pedagógicas, ou seja, “*o que pensamos sobre a infância é o que se coloca presente nas nossas práticas de salas de aula*”.

3. Quem são essas crianças? Sobre a metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto

As atividades propostas neste projeto foram desenvolvidas em diferentes períodos, desde o início do ano letivo durante a semana pedagógica, pois sentíamos que deveríamos sensibilizar, inicialmente, os professores para a proposta. Então os professores foram contatados através de telefone e foram informados de que receberiam uma camiseta em branco, a qual deveria ser personalizada de acordo com a sua criatividade e inspiração. Também deveriam preparar uma atividade que seria apresentada no primeiro dia de encontro em um Show de Talentos. Nosso objetivo inicial foi valorizar as particularidades e as potencialidades de cada um, ressaltando o que eles tinham de significativo. Com os alunos, a proposta foi um pouco mais aprofundada e diferenciou-se em cada segmento (Educação Infantil e Ensino Fundamental I).

Na Educação Infantil, as professoras foram visitar a casa dos alunos (cada professora visitava os alunos da sua referida turma), na semana anterior ao início das atividades. Tal atividade tinha como objetivo promover a integração professor-aluno, reduzir a ansiedade vivenciada pelas crianças no primeiro dia de aula e favorecer um primeiro contato com a família, além de possibilitar que entrassem em contato com o mundo da criança (sua casa, seu quarto, seus brinquedos, dentre outros).

No Ensino Fundamental I, os alunos também receberam em casa a camiseta e uma cartinha da professora, a qual relatava o quanto ela estava ansiosa pela sua vinda. Os alunos foram orientados a confeccionarem a camiseta com seus pais, e nela deveria

estar impresso, escrito ou colado, conforme a preferência de cada um, algo que tivesse a cara da criança, algo que, de alguma forma, falasse dela, sobre quem e como ela é. É importante destacar que os alunos da Educação Infantil também receberam a camiseta e todos os professores foram orientados a realizarem a dinâmica de apresentação dos alunos no primeiro dia de aula utilizando este recurso (camiseta), pois o mesmo tinha como objetivo valorizar a construção individual de cada um, seus gostos e preferências.

Outra estratégia foi a realização da reunião com os pais dos alunos a fim de que pudessem estar em contato com a escola, desenvolvendo um vínculo inicial com o professor. Nesta reunião foram realizadas dinâmicas de apresentação, onde puderam falar um pouquinho sobre suas famílias e sobre seus filhos.

Dando continuidade ao trabalho, os professores realizaram, durante as duas primeiras semanas de aula, diversas atividades, as quais tinham como foco o conhecer as crianças, ou seja, quais eram suas características principais, de onde elas vinham (se estavam na escola pela primeira vez ou, se não, qual escola haviam frequentado ou se moravam em outra cidade); quais eram seus interesses e suas experiências anteriores. Também focalizaram conhecer os grupos sociais que seus alunos frequentavam e em que atividades estavam envolvidas quando não estavam na escola; se existem lugares de encontros com outras crianças e do que brincam; como são suas famílias e qual escola estava presente no seu imaginário, ou seja, quais eram as expectativas iniciais em relação à escola e em relação ao professor, oportunizando, assim, mediações e intervenções que pudessem auxiliar, de forma eficaz e significativa, o processo de desenvolvimento da criança.

Para que tais objetivos pudessem ser alcançados, cada professor responsabilizou-se em elaborar um instrumento que oportunizasse o alcance de resultados significativos em relação aos objetivos que haviam sido propostos. Os mesmos demonstraram muita criatividade e os resultados foram extremamente importantes. Nas turmas de Educação Infantil, várias atividades foram realizadas, dentre elas a construção de um portfólio individual com as crianças, trabalho esse que contou com a colaboração dos pais, que enviaram fotos da família para a elaboração da árvore genealógica das crianças, por exemplo. Também foram organizadas na sala de aula exposições sobre objetos da infância, exposições que contaram com apoio das mães de alunos, que organizaram vídeos, que trouxeram roupas de quando eles eram bebês, fotos, dentre outros.

As turmas de 1º ano, do Ensino de Nove Anos, e as 1ª, 2ª e 4ª séries do Ensino Fundamental I optaram pela confecção do livro das preferências do aluno. Estes livros continham, além da entrevista com familiares em casa, atividades onde foram explorados relatos escritos, desenhos, colagens e relatos em grupos das crianças. As turmas da 3ª série do Ensino Fundamental I aprofundaram os seus relatos das famílias através das histórias contadas pelos seus avós, organizaram sua árvore genealógica, coletaram depoimento dos pais, selecionaram fotos e trouxeram documentos, como certidões de nascimento, de batismo, de casamento dos pais, passaportes, dentre outros, e cada um destes objetos trazidos precisava contar a sua história. Também desenharam suas preferências, sonhos e anseios.

4. O que pensamos sobre a infância e o que se coloca presente nas práticas de salas de aula? Sobre os resultados

Os resultados foram extremamente significativos e alguns dados podem ser avaliados na Tabela I.

TABELA I - Resultados avaliados pelas professoras durante as atividades

| | Número de alunos na série | Quantos meninos? | Quantas meninas? | Alunos novos (vieram de outras escolas/cidades) | Classe Econômico/Social | Brinquedos de que os meninos gostam | Brinquedos de que as meninas gostam | Atividades extras que frequentam semanalmente |
|--------------------------|---------------------------|------------------|------------------|---|-------------------------|--|---|---|
| 1 série MA Cristiane | 17 | 10 | 7 | 6 | média | carrinhos e bonecos típicos de desenhos, games de computador | bonecas e acessórios femininos, games de computador | judô e futebol |
| 1 ano TA Kelli | 13 | 5 | 8 | 4 | média | bola, games no computador. | bonecas, games no computador | ballet, futebol, judô, natação. |
| 1 série TA Renata | 12 | | | | | carrinhos, jogos, bola, skate, bicicleta e TV | Bonecas, patins, jogos, bicicleta e TV | judô, ballet e natação |
| 4 série MA Andréia | 18 | 12 | 6 | 5 | média | computador, bola, xadrez e ping-pong | bonecas e fichários (trocas de papel do fichário) | catequese missas judô |
| 2 série TA Luciane | 18 | 11 | 7 | | | desenhos na TV, computador | brincar com o cachorrinho, boneca, casinha, música, ler livros, | natação, catequese, psicóloga, futebol, ballet, fisioterapia, aula de japonês e pintura |
| Maternal II M/A Deyse | 6 | 3 | 3 | nenhum | média | carrinhos, dinossauros e atividades na piscina | bonecas e atividades na piscina | ballet |
| Maternal I T/A Deyse | 6 | 4 | 2 | nenhum | média | carrinhos e brinquedos de animais | bonecas e acessórios femininos | não frequentam devido à idade |
| 1 série TB Maria | 11 | 4 | 7 | 2 | média | bola, video game, computador | boneca, computador | balé, judô, natação |
| 3 série MA Joseane | 28 | 17 | 11 | | | | | |
| Infantil I TA Larissa | 19 | 8 | 11 | 10 | média | desenhos da TV, super-heróis, carrinhos e fantasias | bonecas, maquiagens, Fantasias, etc. | judô, ballet, fonoaudióloga, terapia ocupacional, psicóloga |

Além dos resultados obtidos durante o desenvolvimento do projeto, pudemos constatar muitos outros aspectos e peculiaridades de cada um dos alunos. Tais aspectos foram levantados pelos professores em uma reunião onde apresentaram os trabalhos realizados para a coordenação, para a orientação e para a direção da escola, uma vez que consideramos importante que todos os segmentos envolvidos no processo educativo tivessem participação sobre os resultados levantados.

Nas turmas de **Educação Infantil, Maternal, Nível I e II** pode-se constatar que a maioria das crianças possui uma família nuclear (moram com pai e mãe) e 50% delas ficam com as avós para que os pais possam trabalhar. A outra metade do grupo fica com babás ou com empregadas domésticas. Apenas uma criança fica com a mãe em casa, enquanto não está na escola. Neste grupo temos duas crianças com síndrome de Down e uma delas veio para nossa escola agora em 2007. A professora relatou que “foi um momento de muita expectativa, pois ela nunca havia trabalhado com crianças especiais” (sic). A sua adaptação no grupo foi tranquila e que o trabalho pôde lhe dar subsídios para conhecê-la melhor, delineando estratégias eficazes. A família também colaborou com esse processo, uma vez que trouxe vídeos da criança em casa para serem mostrados para os amigos, o que facilitou a aceitação do grupo ao perceberem que ela realizava as mesmas atividades que os amigos e possui as mesmas preferências no que se refere às brincadeiras, desenhos televisivos, dentre outros:

Provavelmente atingiria resultados superficiais e diferentes se tivesse abordado as crianças oralmente, mas através do autorretrato pude perceber detalhes apontados por cada uma delas e o que percebem em si mesmas. Pude conhecer não só os meus alunos fisicamente, mas seus sentimentos, medos, vontades e prazeres. (Profa. Larissa Loureiro Batista).

Nas turmas do **Primeiro Ano do Ensino de Nove Anos** pode-se constatar o quanto o grupo é heterogêneo e o quanto ainda necessitam do estabelecimento de limites e combinados. Ainda apresentam dificuldades para estabelecer situações de conflitos, pela manutenção de comportamento egocêntrico e pela dificuldade que ainda apresentam em lidar com frustrações, uma vez que ainda choram quando são contrariados e sempre procuram a ajuda da educadora para resolverem seus problemas.

Em conversas informais com os pais, fica bem claro o quanto eles têm dificuldades para estabelecerem limites para com os seus filhos, uma vez que eles são colocados sempre de forma e em situações que agradam somente aos pais e em alguns é perceptível a falta de domínio para lidar com os comportamentos dos filhos. Apareceram sentimentos de amor, de alegria e de emoção quando relataram sobre o cotidiano familiar. Sobre isto, vale a pena destacar o relato de uma das professoras, em especial quando enfatiza que:

Para conhecer os meus alunos eu sempre procuro aproximar-me dos mesmos com muito carinho e atenção. Sou muito amiga deles e sempre uma boa ouvinte. Procuro aproximar-me dos pais através de conversas informais, sempre lhes dando muita atenção, pois é muito importante que confiem em

mim e que vejam meu papel como uma aliada ao processo de ensino e aprendizagem de seus filhos. (Prof. Kelli Cristina Wosiack).

Pudemos constatar que as turmas de **Primeiras Séries** também se apresentam como um grupo heterogêneo, principalmente no que se refere ao seu nível de escrita. É um grupo participativo, no qual existe uma boa integração entre seus membros. São crianças que ainda são extremamente lúdicas, e que necessitam de brincadeiras para aperfeiçoar seu aprendizado. As professoras perceberam que as que vieram de outras escolas necessitam de uma maior adaptação à dinâmica escolar e diferenciam-se das que já estavam no colégio, no que se refere às noções de alfabetização, de disciplina e de autonomia.

Ainda neste grupo ficou claro que as crianças têm consciência de que a escrita e a leitura são importantes para o seu desenvolvimento, mas também demonstram que desejam adquiri-lo da maneira mais lúdica possível e que a escola vai lhes propiciar momentos felizes, sem maiores preocupações. “Realizar este trabalho e ter a oportunidade de conhecer um pouquinho mais sobre a vida de cada aluno me foi, sem dúvida, uma experiência única e muito significativa para mim. O que mais me deixou feliz foi perceber o quanto meus alunos são amados por suas famílias.” (Prof. Maria Bueno). Destacamos o relato da Professora Renata Ody Romanha, sobre sua turma de primeira série:

Duas alunas moram somente com as mães, pois os pais estão morando no Japão, mas o contato entre eles é constante e um aluno mora com a mãe e os avós maternos. Também pude descobrir que meus alunos mantêm um relacionamento muito restrito com outras crianças. Muitos deles brincam sozinhos, outros apenas com irmãos ou alguns primos nos fins de semana. Quando não estão na escola ficam em casa com avós, babás, empregadas domésticas, e uma pequena minoria, com a mãe. Durante este tempo gostam de brincar de carrinho, bonecas, jogos, bola, skate, patins, bicicletas e assistir TV. Algumas crianças frequentam ballet, natação e judô. Também percebi que os alunos ficam muito tempo longe dos pais, só os encontrando durante a noite, que é o momento em que a maioria realiza as tarefas escolares. Entendi que existe um vínculo muito grande entre as crianças e o colégio. Elas se sentem acolhidas, felizes e disseram que gostam de estar com os amigos e comigo, que sou a professora. Neste momento me deparei com algo muito forte: são doze vidas com as quais estou diariamente, doze olhinhos procurando colinho e atenção. Isso mexeu demais comigo e me fez refletir sobre todo trabalho que tenho realizado com eles e como sou importante na concepção deles. Com isso também lembrei que cada um dos meus alunos tem uma história de vida, que cada um tem suas próprias necessidades e que cabe a mim proporcionar momentos de descobertas, de trocas, de experiências e de lhes oferecer a oportunidade de argumentar e refletirem, de brincarem e serem felizes”.

Nas turmas de **Segundas Séries do Ensino Fundamental I**, as crianças relataram que “adoram aprender e brincar” (sic). São as turmas que aparecem com o maior número de alunos vindos de outras escolas, cidades e Estados. Para este grupo, o seu maior desejo é “aprender muito para ficarem inteligentes” (sic) e alguns já têm até profissão definida, como técnico de computador e cardiologista. Levantaram qual escola estaria presente no imaginário delas e alguns aspectos interessantes puderam ser verificados, como o fato de desejarem uma escola em que “possam aprender, que tenha um monte de campos de futebol” (sic). Também querem “uma escola boa onde aprendam direito, com duas horas de recreio e que tenha aulas de natação, jogos e muitas folgas.” (sic).

Também apareceram várias situações que agradam e que desagradam as crianças. Apareceram relatos sobre pais que trabalham bastante, sentimentos de amor e de saudade da família e dos amigos que deixaram distantes em outras cidades e Estados. Também apontam o quanto admiram o jeito de vestir de seus pais e o quanto se identificam com o seu jeito de ser. “Sou chorona como minha mãe e comilona como meu pai”.

Nas turmas de **Terceiras Séries do Ensino Fundamental I**, as professoras destacam, como resultados importantes do trabalho, o reconhecimento que as crianças deram aos documentos trazidos de casa (certidões de nascimento, de casamento) e ao fato de poderem identificar como eram os objetos antigamente e como são atualmente; o que se usa e o que não se usa mais. Conheceram as profissões de seus avós e puderam pesquisar se essas profissões ainda existem ou não. Sobre o retrato do grupo, pode-se perceber que “os alunos são criativos, ativos, críticos e carinhosos. A maioria mora com os pais, uma mora com os avós e um tem pais separados. Preferem brincar a estudar, mas em sala de aula mostram-se motivados à aprendizagem, uma vez que participam com entusiasmo das atividades propostas e demonstram grande interesse por jogos e livros.” (sic).

Todos têm computador em casa e gostam de animais, e muitos possuem bichos de estimação (a maioria cachorro). Relatam sonhos para o futuro e desejam ser muitas coisas (ter uma casa, carro, moto e constituir família), mas não associam o estudo à concretização desses sonhos.

Nesse grupo apenas uma aluna veio de outra escola, ou seja, eles se conhecem desde a educação infantil. Por este motivo são muito amigos e não têm o hábito de brigar ou de discutir. Não se importam em compartilhar materiais e brinquedos e os que terminam primeiro suas atividades gostam de ajudar os colegas que estão com dificuldade. Quando ocorrem conflitos, rapidamente são solucionados. Também mantêm relacionamento fora da escola, ou seja, costumam ir à casa uns dos outros para brincar, dormir juntos e conversam bastante pela internet:

Esta é uma turma especial, interessante e que faz com que eu possa vir diariamente trabalhar com alegria. Já construí com as crianças um laço afetivo, o qual me motiva a estudar muito e procurar recursos educativos diferenciados,

pois eles, assim como eu sempre estão querendo saber mais do que é trazido pelos livros. (Prof. Josiane Costa Lucas).

Nas turmas de **Quartas Séries do Ensino Fundamental I** pode-se perceber que as crianças foram significativamente participativas e até quiseram dar sua opinião sobre trabalho. Destacamos o relato do aluno Mateus, que aponta que a atividade foi “legal porque parece uma certidão de nascimento, fala tudo de você, como é sua vida” ou ao do João Pedro, que enfatiza que a atividade foi “legal porque fala da família. Temos lembranças de coisas que aconteceram.” O aluno Gabriel destacou: “Achei que a professora quer conhecer mais os alunos.” Ele realmente entendeu os objetivos da atividade!

É importante destacar também os relatos do aluno Guilherme, que enfatiza que “nunca tinha feito algo sobre nós”, e da aluna Juliana, que destaca que foi “legal porque falou bastante sobre minhas coisas. Fala muitas coisas que uma pessoa precisa saber sobre mim.”

De uma forma geral, é importante destacar que os alunos frequentam clubes sociais, realizam passeios em *shoppings* e propriedades rurais e costumam reunir-se com as famílias (avós, tios, primos) durante as festas (datas comemorativas) e aniversários. A maior parte das mães trabalha fora, mas, desde o início do ano letivo, mostraram-se participativas no que se refere à vida escolar dos filhos (demonstrando maior interesse no que se refere ao desempenho escolar e em relação ao comportamento dos filhos na escola). As origens das famílias são muitas diversas, dentre as quais se destacam as etnias japonesa, italiana, alemã, espanhola e africana.

5. Repensando algumas questões

Os dados levantados no projeto nos levaram a algumas reflexões importantes, principalmente no que se refere ao fato de que a criança é um ser presente no mundo e por isso não pode ser considerada como um ser passivo. Ela necessita ser valorizada em cada fase de sua vida, assim como respeitada e compreendida em todo o seu contexto histórico. Sendo assim, considerar a realidade social em que está inserida é fundamental para o educador perceber particularidades do seu aluno, traçando, assim, suas metas pedagógicas. Para que isso aconteça é necessário traçar objetivos a fim de identificar qual é a relação que elas estabelecem com seu mundo nos diferentes contextos, qual são os significados que atribuem às pessoas e às coisas, reconhecendo sempre o que é específico da infância e, principalmente, da criança: seu poder de imaginação, de fantasia, de criação, e da brincadeira entendida como experiência de cultura, ou seja, dar validade à afirmativa de que, na infância, a criança possui modos próprios de compreender e de interagir com o mundo.

Diante de todos estes aspectos, é fundamental que o professor sempre esteja fundamentado com algumas reflexões, dentre elas sobre o como realizar um diálogo entre as vivências da criança dentro e fora da escola, fazendo com que a sala de aula se torne um espaço mais dinâmico. Outro ponto a ser questionado diz respeito à organização

do tempo e dos espaços na escola, refletindo sobre o que tem sido privilegiado no cotidiano escolar, ou seja, quais temas estão presentes em nossas salas de aula e quais estão sendo evitados e se estamos abertos a todos os interesses dos alunos com quem trabalhamos, independente de sua faixa etária ou da classe social.

Em conclusão, essas atividades de conhecer as crianças antes de a elas ensinar permitem ver as crianças pelo que elas se apresentam no presente, sem se valer de estereótipos, de ideias preconcebidas ou de práticas educativas que visam moldá-las em função de visões ideológicas e rígidas de desenvolvimento e de aprendizagem. Enfim, essas atividades de conhecer permitem assegurar que a educação cumpra seu papel social diante da heterogeneidade das populações infantis e das contradições da sociedade.

6. Referências

- ARIÈS, Philippe. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- KRAMER, S. Infância, cultura e educação. In: PAIVA, A.; EVANGELISTA, A.; PAULINO, G.; VERSIANIN, Z. (Org.). **No fim do século**: a diversidade. O jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica/CEALE, 2000, p. 9-36.
- KRAMER, S. Direitos da criança e projeto político-pedagógico de educação infantil. In: BAZILIO, L.; KRAMER, S. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 51-81.
- . Propostas pedagógicas ou curriculares de educação infantil: para retomar o debate. **Revista Pro-Posições** - Faculdade de Educação, Unicamp, vol. 13, n. 2 (38), maio 2002, p. 65-82.

Notas

- * Kellen M. Escaraboto é Psicóloga Clínica e Escolar. Especialista em Psicoterapia Clínica Comportamental e em Educação Especial. Atua no Colégio Interativa de Londrina - Paraná. As demais autoras são professoras graduadas em Pedagogia e também atuam no Colégio Interativa de Londrina. São elas: Larissa L. Batista; Maria Bueno; Cristiane Colito; Stefany Diniz; Deyse C. Ferreira; Josiane Costa Lucas; Andréia Martins; Maria Aparecida Sobrinho; Kátia I. Pereira; Luciane Mabel Pilla; Renata O. Romanha; Kelly Cristina Wosiac.

Recebido em 07/06/2008.

Aprovado para publicação em 14/10/2008.